

Nesta edição:
Rachel de Queiroz, Nísia Floresta, Monteiro Lobato,
Núbia Lafayette e Parahyba de Medeiros



volume 4 - número 9 - julho/agosto de 2024 - ISSN 2965-6192



#ParaTodosVerem: capa com fundo branco. Na parte superior, no formato retangular horizontal, fundo na cor laranja com nuvens cinzas. Ao centro, sobre a mão espalmada, “Revista Sarau”. Na parte central, “volume 4 – número 9 – julho/agosto de 2024 – ISSN 2965–6192”. Abaixo, em primeiro plano, no formato retangular vertical, a escritora e jornalista Raquel de Queiroz. Mulher branca de cabelos curtos e grisalhos; tem olhos pequenos e escuros, usa óculos; sorri e leva a mão direita ao queixo. Em segundo plano, fundo marrom claro. À esquerda, “Nesta edição: Rachel de Queiroz, Nísia Floresta, Monteiro Lobato, Núbia Lafayette e Parahyba de Medeiros”. Abaixo, o código de barras.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

EXPEDIENTE

Volume 4 – número 9 – jul. / ago. de 2024

Fortaleza – CE – Brasil

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES

Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Afrânio Câmara,

Luciana Bessa,

Néia Gava,

Elaine Meireles,

Ivan Melo e

José Roberto Moraes.

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Rachel de Queiroz

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com

Instagram: @revistasarau

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

- 5 Editorial
- 6 Lobato e suas criações / Luciana Bessa
- 8 Dialogando com Lobato / Francisco José de Oliveira
- 9 Sítio do Pica Pau Amarelo / Nonato Nogueira
- 10 Monteiro Lobato e o seu legado literário / Néia Gava Rocha
- 11 Arte Visual / Paisagem nativa de Ferreira Lima
- 12 O Quinze de Rachel de Queiroz / Ana Esther
- 13 Rachel de Queiroz / José Roberto de Moraes
- 15 Revivendo o Quinze de Rachel de Queiroz / Luiza Pontes
- 16 Menino do Norte (A Rachel de Queiroz) / Sebastião Amâncio
- 17 Arte Visual / Sois sóis de Carlos Nascimento
- 18 Nísia Floresta: uma mulher além de seu tempo / Ana Paula Marques
- 19 Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil / Lucirene Façanha
- 20 Arte Visual / Sim à vida de Amauri Flor
- 21 Núbia Lafayette, a voz de cristal / Dicionário MPB
- 23 Núbia, a diva / Elcid Lemos
- 25 Arte Popular / Coleção Apitos de Nonato Araújo
- 26 Parahyba de Medeiros / Nonato Nogueira
- 28 A poesia de Sophia Jamali Soufi
- 29 Vermelho / Ludimilla Barreira
- 31 Prosa e Verso / Rangel Flor
- 33 A última nota / Gorette Rodrigues
- 35 Prosa e Verso / Valéria Accioly
- 37 Razão do poema / Miriam Pina
- 38 Caderno de Rascunho / Carlos Nascimento
- 39 Infância / José Leôncio de Lima
- 40 Poema Livre / Vanice Ricardo do Nascimento
- 41 Liberte seus sonhos / Juliana Duarte
- 42 Sem saída, saiu / Fernando Gurgel Filho
- 43 Um paradoxo iludido / Murilo Almeida Oliveira
- 44 Nem tudo que parece é literatura de cordel / Mariana de Lima
- 46 Novos Rumos da Literatura Infantojuvenil no Brasil / Elaine Meireles

EDITORIAL

Consagrado como a 8ª maior economia do mundo, o Brasil se caracteriza como um dos países mais desiguais, sobretudo em relação aos aspectos socioeconômicos e socioculturais de suas regiões (Norte, Sul, Nordeste, Sudeste, Centro-oeste). A que se deve semelhante contraste? Entre as múltiplas causas, apontamos duas: intervenção e omissão de ações públicas e privadas em seus respectivos meio ambiente. Nessas regiões, as mãos de uma elite gananciosa e as de uma minoria desumana desmatam matas virgens, invadem propriedades sagradas dos indígenas, desviam verbas, impõem trabalho escravizado, enfim, não contribuem para o desenvolvimento e bem-estar nem de brasileiros, nem do Brasil.

A Arte, assim como a Política, entre suas várias funções, auxilia o Ser Humano a expressar ideias, refletir sobre a existência, executar ações que modificam e transformam a realidade e a sociedade. A **Revista Sarau** contempla, nessa edição: **Nísia Floresta** – troca ideias sobre o *Positivismo* com Auguste Comte, seu contemporâneo, e clama em seus textos jornalísticos, acadêmicos, literários por justiça, igualdade social, ascensão e independência da mulher. Educadora, funda a primeira escola brasileira para mulheres; **Monteiro Lobato** – destaque em nossa Literatura para adultos e na Literatura Infantojuvenil – abraça várias lutas em prol do petróleo brasileiro, da modernização do país, contra as queimadas provocadas pelo homem. *Jeca Tatu*, um de seus personagens polêmicos, foi adotado pelo *Laboratório Fontoura* e adaptado para o cinema, teatro, HQ, música, televisão; **Rachel de Queiroz** - retrata a crise econômica do Nordeste brasileiro com o romance de estreia *O Quinze*, em referência à seca de 1915. Sua prosa é de cunho regionalista e social, com teor político e narrativas intimistas e psicológicas. Vale ressaltar que ela foi a primeira mulher a entrar na *Academia Brasileira de Letras* e que por anos escreveu crônicas para a revista *O Cruzeiro*; **Parahyba de Medeiros** é um cantor e compositor, com carreira musical iniciada nos anos 1980; e **Núbia Lafayette** – nome artístico de *Idenilde Araújo Alves da Costa*, estreia aos oito anos, em programas infantis, e mais tarde na *TV TUPI*, no programa de calouros “*A Voz de Ouro*”. Possui uma vasta discografia, com músicas populares e românticas, teve o apoio de Adelino Moreira e Nelson Gonçalves.

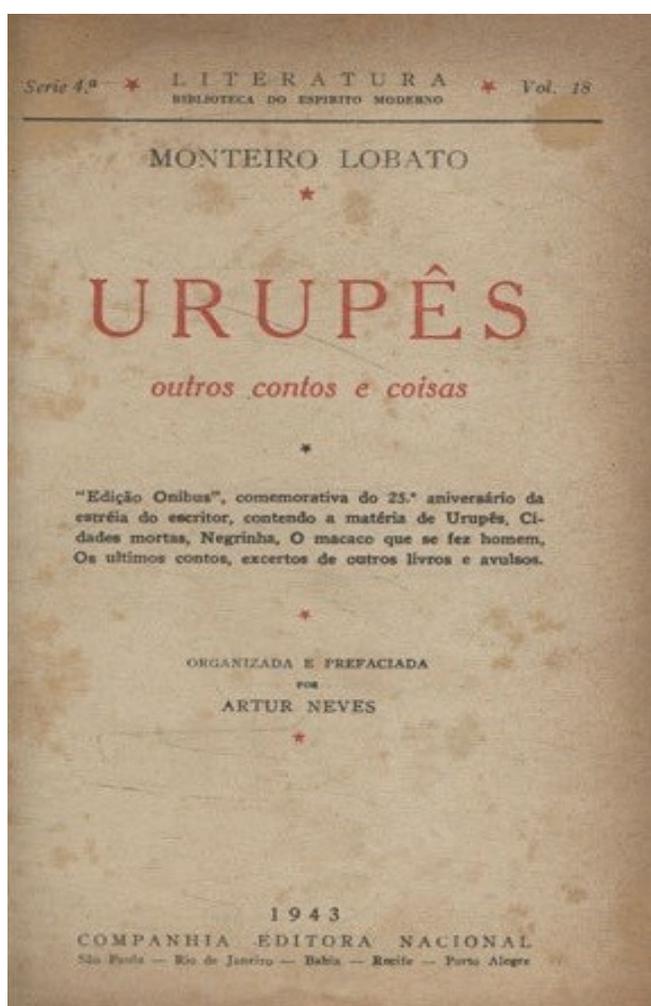
Cientes de que nossos homenageados deram/dão suas respectivas contribuições para que nos tornemos agentes transformadores da/na sociedade contemporânea brasileira, esperamos que a *Arte* do escrever e do cantar encante e dê prazer estético ao nosso público leitor.

A **Revista Sarau** se solidariza e envia boas energias para nossos irmãos do Rio Grande do Sul.

LOBATO E SUAS CRIAÇÕES

Luciana Bessa

Não se pode falar em Educação, sem falar no Livro Infantil, essa importante ferramenta capaz de despertar paixões e consciências. 18 de abril é o dia reservado para comemorá-lo, visto que nessa mesma data, no ano de 1882, nascia o escritor paulista, Monteiro Lobato, pioneiro da Literatura Infantil Brasileira.



1ª edição do livro Urupês – Companhia Editora nacional – 1943.

Contista, ensaísta e tradutor, Lobato iniciou sua carreira literária escrevendo textos para jornais e revistas, reunindo posteriormente vários deles no livro **Urupês**

(1918). No conto que dá título ao livro (“Urupês”), conhecemos uma de suas personagens mais famosas: Jeca Tatu. Se o índio é o modelo idealizado pelos românticos, Jeca Tatu simboliza o homem do campo, entregue às doenças, ao atraso educacional e econômico do poder público. Obra e criatura são importantes por trazer à tona questões sociais de seu tempo, repercutindo na campanha sanitária da década de 1920 e denunciando as condições sub-humanas das populações rurais, tão presentes em nossos tempos.

No entanto, a personagem que mais me encantou durante minha infância e adolescência, foi a boneca Emília, já que eu desejava ser como ela. Se pesquisarmos mais profundamente a origem de seu nome, descobriremos que se trata de uma lutadora de personalidade firme e compromissada com aquilo que se propõe. É aquela que se sente desafiada pelas pedras no meio do caminho e as enfrenta.

Emília foi feita por Tia Nastácia, outra emblemática personagem lobatiana, para ser dada a Narizinho, menina que adorava comer jabuticaba do pé e inventar renações. Em 1931, nasceria **Reinações de Narizinho**, obra propulsora de o Sítio do Picapau Amarelo, e que serviu de inspiração para muitos outros escritores que se dedicaram ao universo infantojuvenil, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira etc.

Emília se tornará a melhor amiga de Narizinho, porém, é preciso dizer que ela nasceu muda. Foi o Dr. Caramujo quem lhe deu uma “pílula falante” e a boneca começou

a falar muito: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca”.

A boneca falava tanto que foi preciso pedir ao médico uma pílula mais fraquinha, mas o Dr. Caramujo explicou que isso não seria possível, pois aquilo era “fala recolhida”, que não poderia mais ficar “entalada”.

Simbolicamente, Emília representa o gênero feminino, que ao longo da História foi invisibilizado e silenciado, por uma cultura patriarcalista e machista, que afeta não só as mulheres, mas a sociedade como um todo, uma vez que contribui para os altos índices de violência, homicídio, ansiedade, depressão e medo, capaz de “esterilizar os abraços” para lembrar o poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade.

Quando hoje escuto que “mulher fala demais”, recordo todos os séculos em que fomos impedidas de ler, de escrever, de trabalhar fora, de expressar nossas opiniões, de frequentar determinados espaços, casar sem amor, contrair doenças transmitidas pelos maridos... eu penso: Que bom! Lembro-me, inclusive, do fenômeno *Mainsplaining*, o fato de a mulher está falando e ser interrompida pelo homem, mesmo que ela seja especialista no assunto. Falar é uma forma de se colocar no mundo, de existir e de resistir às intempéries da vida.

Em pleno século XXI, mesmo a Constituição Brasileira afirmando em seu Art. 5º que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”, na prática, são os homens que continuam escrevendo as grandes narrativas políticas, econômicas e literárias.



Foto: Reprodução

Mas estávamos falando sobre o quê? O livro infantil e o pioneirismo de Monteiro Lobato. É verdade que o autor de **O Sítio do Pica Pau Amarelo** (1920-1947) está cancelado em nossos tempos, acusado de racismo. Particularmente, sou contra a política do cancelamento, porque se aprende muito mais quando o debate é promovido do que quando se cala uma voz por meio da força.

Recentemente quiseram cancelar **O Averso da Pele** (2020), Prêmio Jabuti em 2021, do escritor Jeferson Tenório, alegando que sua obra continha um “vocabulário de tão baixo nível”. Li o livro duas vezes e, na segunda vez, ao procurar palavras de baixo calão não as achei, mas encontrei o que já sabia: um autor negro afirmando categoricamente que o Brasil é um país racista, mas que ao ser chamado racista, procura amordaçar quem o disse.

Eu sei que Emília foi uma boneca que transitou pela esperteza, malcriação, inteligência e teimosia. Dizia o que pensava, aprontava todas e nada temia. Evoluiu e virou gente. Será que o leitor nunca conheceu uma Emília?

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

DIALOGANDO COM LOBATO

Francisco José de Oliveira

I – ELUCUBRAÇÕES

Naquele anoitecer, queria ter a sabedoria do Visconde, a esperteza da Emília, a coragem do Pedrinho, a ingenuidade da Narizinho, a racionalidade de Dona Benta. Entretanto, a personalidade dominante era a Cuca.

Socorro, Lobato!



Foto: Reprodução

II - A PEDRA ATIRADA NÃO VOLTA

Quando saíra do estilingue, Pedrinho percebeu que mais nada poderia ser feito. Fora o último voo do pequeno pássaro-azul e a primeira consciência pesada do garoto.

Lágrimas.

Mais lágrimas.

O colo de Dona Benta.

III - COMILÃO

De vassoura em punho, tia Nastácia varria o Rabicó da cozinha. O bolo de fubá sumira na boca do porco. Dona Benta e as crianças caíram na risada enquanto o suíno tentava desviar-se das vassouradas.

Finalmente, uma pequena brecha foi aberta para o animal; na saída, ainda deu tempo de ver a piscadela que o Pedrinho lhe deu.

IV - A ONÇA PINTADA

Na sala, Dona Benta estava sentada na sua cadeira predileta e rodeada pelas crianças e pelo Visconde.

Na cozinha, tia Nastácia preparava um bolo.

Era uma vez...

V – EMÍLIA

Prega daqui; costura dali e o milagre da vida prestes a acontecer. Quando Narizinho ganhara aquela linda e esperta boneca, não sabia que viveriam, juntas, tantas aventuras.

Francisco José de Oliveira - Professor, músico e escritor potengiense. Autor dos livros “Sertão Banhado em Sangue e Lágrimas” e “O Enforcado”. Orientador e organizador das obras “Maurício e Jorginho – uma história de rivais” e “O Templo das Eras – uma jornada além dos tempos”, ambas produzidas pelos seus alunos. E-mail: franciscojose.oliveira69@gmail.com

SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

Nonato Nogueira

A primeira adaptação da obra homônima do escritor Monteiro Lobato para a televisão foi entre 1952 e 1963, quando foi exibida pela Rede Tupi de Televisão. Em 1964, a TV Cultura exibiu a segunda versão. Entre 1967 e 1969, a Rede Bandeirantes exibiu a terceira versão. A quarta versão do Sítio do Pica Pau Amarelo foi exibida pela Rede Globo de Televisão entre 1977 e 1986. O seriado contou com a direção de Geraldo Casé.



Foto: TV Cultura 1964

Nas décadas de 70 e 80, as crianças e adultos tiveram a felicidade de conhecer personagens criados por Monteiro Lobato. No elenco contava com Zilka Salaberry como Dona Benta, Jacyra Sampaio como Tia Nastácia, Dirce Migliaccio e depois Reny de

Oliveira como Emília e André Valli como Visconde de Sabugosa.

No mundo fantástico de Monteiro Lobato, existe a história do Minotauro, quando Narizinho, Pedrinho, Dona Benta e Visconde vão parar na Grécia, em uma jornada fantástica para resgatar Tia Nastácia, sequestrada pela mitológica criatura.

Temos ainda as Memórias da Emília, a boneca de pano mais falante e criativa, revelando sua vida para o Visconde. O mundo encantado que encantou gerações.

São histórias como as Reinações de Narizinho, em uma aventura da personagem pelo Reino das Águas Claras. Ela precisa desfazer o feitiço que transformou Emília em uma boneca muda e sem vida novamente. Tem também Cupido Maluco, A Raiz Milagrosa e O Outro Lado da Lua.

Quem não lembra da turma do Sítio: Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Emília, Tio Barnabé, Zé Carneiro, Malazarte, Doutor Caramujo, Visconde de Sabugosa, a Cuca e a Iara. São personagens maravilhosos. Além da trilha sonora imortal, dirigida pelo compositor Dori Caymmi. No repertório: Sítio do Pica Pau Amarelo, de Gilberto Gil; A Cuca Te Pega, de Dori Caymmi e Geraldo Casé; e Visconde de Sabugosa, de João Bosco e Aldir Blanc.

Nonato Nogueira é natural de Fortaleza–CE. É professor de História, Filosofia, Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros de Literatura Infantojuvenil e didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos *A solidão de Nietzsche*, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023.

MONTEIRO LOBATO E O SEU LEGADO LITERÁRIO

Néia Gava Rocha

Naquele tempo, crescia-se ao som da canção “*Marmelada de banana/Bananada de goiaba/ Goiabada de marmelo/Sítio do Picapau Amarelo/Sítio do Picapau Amarelo/Boneca de pano é gente/Sabugo de milho é gente/O sol nascente é tão belo/Sítio do Picapau Amarelo/Sítio do Picapau Amarelo(...)*”, composta por Gilberto Passos Gil Moreira.



Foto: Reprodução

A música embalava desenhos animados inspirados na obra literária “Sítio do Pica-Pau Amarelo” (lançada em 1939), de Monteiro Lobato. Um dos desenhos animados, intitulado com o mesmo nome do livro, tornou-se um programa televisivo, que era

transmitido de segunda a sexta-feira, em horário matutino. Então, todas as crianças ficavam esperando, repletas de expectativas, durante todo o final de semana.

Mas vamos admitir: a maioria dos adultos amava esse programa cheio de aventuras, lindas histórias, fantasias, boneca de pano, avó carinhosa, sabugo de milho que era gente. Entre tantos personagens deslumbrantes e plurissignificativos. Era o Sítio perfeito.

E eu confesso: parte da minha infância foi enriquecida por esses personagens. Viajei muito pelo Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nele, conheci o mundo fantasioso, imaginário e criativo, que me envolveu e me seduziu pelo seu colorido, por suas histórias incríveis e divertidas.

Dona Benta, Tia Nastácia, Emília, Pedrinho, Narizinho, Tio Barnabé, Visconde de Sabugosa, Cuca, Saci, entre outros. Personagens encantadores de José Bento Monteiro Lobato, conhecido como Monteiro Lobato. O escritor brasileiro que deslumbrou a infância de tantos atuais adultos.

Na memória ficaram registradas tantas histórias e tantos aprendizados, como uma semente que nasce, cresce, floresce, dá frutos, renovando constantemente o ciclo. Por isso, sempre afirmo: gratidão, Monteiro Lobato, pelo lindo legado literário que nos deixou.

Néia Gava Rocha é Especializada em Letras: Português e Literatura. Servidora Pública. Escritora. Poeta. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta-ES. Membro do Conselho Editorial da Revista Sarau (Fortaleza-CE). Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Integrante do grupo “Escritoras Cachoeirenses”.

A

R

T

E

Visual

**Desenho feito sobre papel
empregando a técnica de
pontilhismo 20x30.**

**Paisagem nativa de
Ferreira Lima -**

Contato: (85)989111739

O QUINZE DA RACHEL DE QUEIROZ

Ana Esther

Há algumas décadas, havia uma menina de 14 anos chamada Esther. Ela adorava ler gibis, as HQs da sua época. Estava também começando a ler alguns livros de literatura em geral, pois até então se concentrara somente em livros infantis. Alguns romances e livros de contos a atraíam muito e a leitura a cativava cada vez mais.

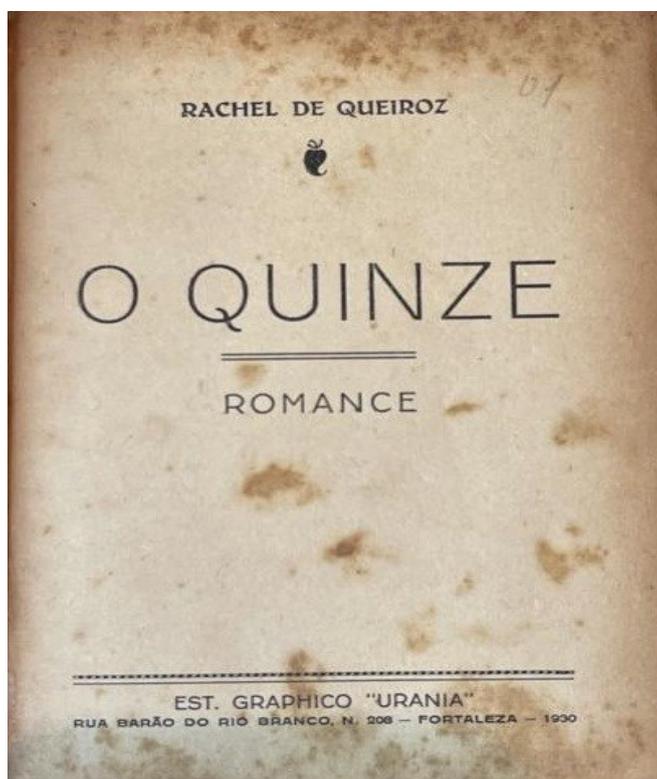


Foto: Reprodução

Contudo, no colégio, todos tinham que ler os mesmos livros indicados. Um deles foi o famoso romance da Raquel de Queiroz, O Quinze. Valia nota, a prova seria sobre o livro e a nota do bimestre inteiro seria a nota desta

prova tão somente. Esther comprou o livro e começou a lê-lo... muito triste. Não conseguia prosseguir a leitura. Porém, o fantasma da prova a fez perseverar e chegar até o fim da história.

Sofreu muito e chegou para a prova revoltada, não se conformava. Achou as questões incompreensíveis, não via relação com aquilo que ela sentira sobre o texto. Estaria assim tão errada? Essa dúvida cruel bloqueou seus pensamentos, simplesmente não conseguia raciocinar, não sabia como responder aquelas perguntas. Como sempre fora boa aluna, enrolou da melhor maneira que pôde e tirou na prova uma nota suficiente.

A nota não a atrapalhou no boletim. O problema da leitura forçada é que perdurou por toda a sua vida de leitora. Ficou traumatizada com a Rachel de Queiroz, jamais conseguiu ler outra obra sua e nem sequer imaginar tornar a ler O Quinze em idade mais avançada para tentar remover aquele terror de seu coração amante da literatura. Uma verdadeira lástima.

Contudo, o dano maior foi a propaganda negativa que a Esther fez para suas amigas, dentre elas eu... Execrou tanto a leitura da autora, que eu também me fechei para ela, não podia nem ouvir falar no O Quinze! Hoje, adulta, eu sei que quem saiu perdendo fomos nós. Mas eu te pergunto, leitor desta minha crônica, como eu faço para perder o desesperante trauma de ler a Rachel de Queiroz?

Ana Esther Balbão Pithan - gaúcha, residente em Florianópolis. Graduada em Letras/Inglês (UFRGS), Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa (UFSC). Coursou Inglês na Inglaterra, International Business na Austrália. Foi Professora na UPF (RS), na UNERJ (SC) e na UNIVILLE (SC). Criou os personagens *O Pelicano*, *a Mega Vó*, *a Profa. Coruja-Buraqueira*, *Anamasthê* e *a Meditação do Chimarrão*, fruto de seus 3 e-books e 11 livros publicados. Coordena o Grupo de **Árvores Arteiras** (plantadores de árvores) e o **Clube de Leitura do Pelicano**

RACHEL DE QUEIROZ

José Roberto Morais

RACHEL - UMA NOITE NA FAZENDA

Era mês de julho de 1929. À noite, um candeeiro ilumina o quatinho dos fundos no casarão da Fazenda Não Me Deixes. Rachel de Queiroz, a jovem professora, está em férias na casa dos pais. Concentrada, rabiscando papéis distantes dos aposentos para não atrapalhar o sono de Dona Clotilde e “Seu” Daniel.



Rachel de Queiroz coroada Rainha dos Estudantes, Fortaleza, 26 de julho de 1930. Fotografia não identificada. Acervo Rachel de Queiroz/IMS

Dois anos antes, usando o pseudônimo Rita de Queluz, ela havia começado seus trabalhos de produção literária ao escrever uma carta para o jornal “O Ceará”, ironizando o concurso de Rainha dos Estudantes, promovido pelo periódico. Sua carta fez muito sucesso. Convidada a ser colaboradora do jornal, a professora, diplomada aos quinze anos em 1925, começou a organizar a página literária na qual publicou o folhetim “História de um Nome”.

Dona Clotilde levanta-se na madrugada e percebe que a luz do candeeiro ainda ilumina o quatinho dos fundos, espaço favorito da filha quando criança. Vai até lá e encontra Rachel cochilando, sentada na cadeira e a cabeça sobre um caderno. Ela acorda a moça que, despertada inesperadamente, questiona:

- Mamãe! Que horas são?

- Já são duas horas da madrugada, filha.

Por que dormiu aqui?

- Estava escrevendo e acabei pegando no sono. Volte a dormir, mamãe. Eu vou já também. Mas preciso concluir um capítulo do “quase” romance de Conceição e Vicente.

Dona Clotilde sai e deixa a filha, que logo volta a escrever.

Esse texto que a professora escreve apresenta um quadro social dramático e realista da luta do povo cearense contra a devastadora seca que iniciou em 1915 e trouxe muita fome e miséria à população do interior do estado de Iracema, a virgem dos lábios de mel. Sendo intitulado “O Quinze”, narra o êxodo de trabalhadores e fazendeiros das fazendas em Logradouros e Quixadá que partem em busca de sobrevivência na capital cearense.

Ao amanhecer, com o cavalo selado, Rachel monta o equino e parte em passeio pela Fazenda Não Me Deixes. Observa o gado pastando, escuta a serenata matinal dos passarinhos e sonha em um dia vindouro, quem sabe, ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

RACHEL DE QUEIROZ E SUA OBRA PRIMA

Rachel de Queiroz nasceu
No estado do Ceará
Três anos ela viveu
Na cidade Quixadá
Mudou-se pra capital
E publicou no jornal
Ironizando um concurso
Tornou-se uma escritora
Uma ótima professora
Foi seguindo seu percurso.

Com “O Quinze” se tornou
Escritora romancista
Muitas obras, publicou
Foi uma grande cronista
Observava o dia a dia
Com o toque de magia
Expondo sua emoção
E teve obra adaptada
Para ser representada
Até na televisão.

Deixou uma obra imensa
Nesse mundo literário
Escreveu de forma intensa
Seguiu seu itinerário
Sobre a seca no sertão
Homenagem a Lampião
Escreveu conto infantil
Contando causos e fatos
Nos seus livros fez retratos
Do interior do Brasil.

No romance social
A Conceição e o Vicente
“Quase” formam um casal
Nas terras de sua gente
Porém, a seca tão brava
Sua gente fez escrava
Tornando uma imigrante
Saindo do interior
Partiu naquele vapor
Seu amor ficou distante.

Na capital, professora
Cumpria sua missão
A moça batalhadora
Que viera do sertão
No período mais crítico
Durante um ano atípico
Que a seca devastava
Ela viu na capital
Triste quadro social
De gente que ali chegava.

Campos de concentração
Reunia os imigrantes
Entre eles, a Conceição
Ajudava os retirantes
Pensava no interior
Esfriou aquele amor
As lembranças de Vicente
Quando o inverno voltou
Somente a vó retornou
Às terras de sua gente.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas – uma análise sociológica” e “Fantástico Mundo da Leitura”; e coautor em “Antologia Poética Escritores do Cariri”, “Somos Escritores – jovens que escrevem”, “Patronos II”, “Vestígios de Amor” e na Antologia “Vida em Poesia”. E-mail: joserobertos2013@gmail.com

REVIVENDO O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ

Luiza Pontes

A professora chegou e colocou os livros de Literatura no balcão da estante, organizou umas folhas avulsas amareladas que estavam espalhadas na mesa redonda. Pegou as canecas e as organizou numa outra caneca de porcelana azul, juntamente com uma régua transparente, e deparou-se com um livro posto no cantinho, fruto de uma aula que tinha preparado sobre a Segunda Fase do Modernismo, sobre a escritora Rachel de Queiroz.



Foto: Reprodução

Por alguns instantes, folheou o livro *O Quinze* e lembrou que a autora o escrevera com vinte anos incompletos, e que fora lançado em 1930, abordando os desgastes da seca de 1915, no interior do Ceará, sobre a família de Chico Bento e da professora Conceição.

Fico a imaginar o que levou a jovem Rachel de Queiroz a escrever o seu primeiro romance na calada da noite, à luz de lamparina, para surpresa de todos, testando o desejo de ser escritora, fugindo dos padrões femininos da época.

O *Quinze* consagrou Rachel de Queiroz e o crítico Augusto Frederico Schmidt intitulou o livro como "Literatura da Seca", considerando-o pungente e de amarga tristeza, comparando-o com *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio, *A Normalista*, de Adolfo Caminha, e *A Bagaceira*, de Dr. José Américo de Almeida.

Luiza Pontes: professora, contista, poetisa, pesquisadora, atriz e diretora teatral. Graduada em Letras e Especialista em Pesquisa Científica pela UECE. Mestre em Educação, pela ACU.

MENINO DO NORTE

Sebastião Amâncio

A Rachel de Queiroz

Havia um menino muito sabido no Norte
Sem pestanejar entre a vida e a morte
Decide dar fim àquele sertão pessoal
Tentar sair da calamidade social
No Norte havia um menino em busca de um forte

Havia um menino impetuoso no Norte
Com fama de herói perde um dedo de corte
Consegue mudar seu cruel destino
Um sonho de quando ainda era menino
Sem sol, sem monta e falta de aporte

Havia um menino muito atrevido no Norte
Com uma coragem incontestavelmente forte
De transformar destinos fatais
Em feitos simplesmente excepcionais
No Norte havia um menino com uma baita sorte

Sebastião Amâncio é licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR Campus Palmas. É autor do romance ‘O menino do Passo’, pela editora Autografia e tem participação em várias antologias poéticas. Autor premiado em 2023 com o 1º lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema ‘O moderno tupiniquim’. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa. É ainda cronista e contista.

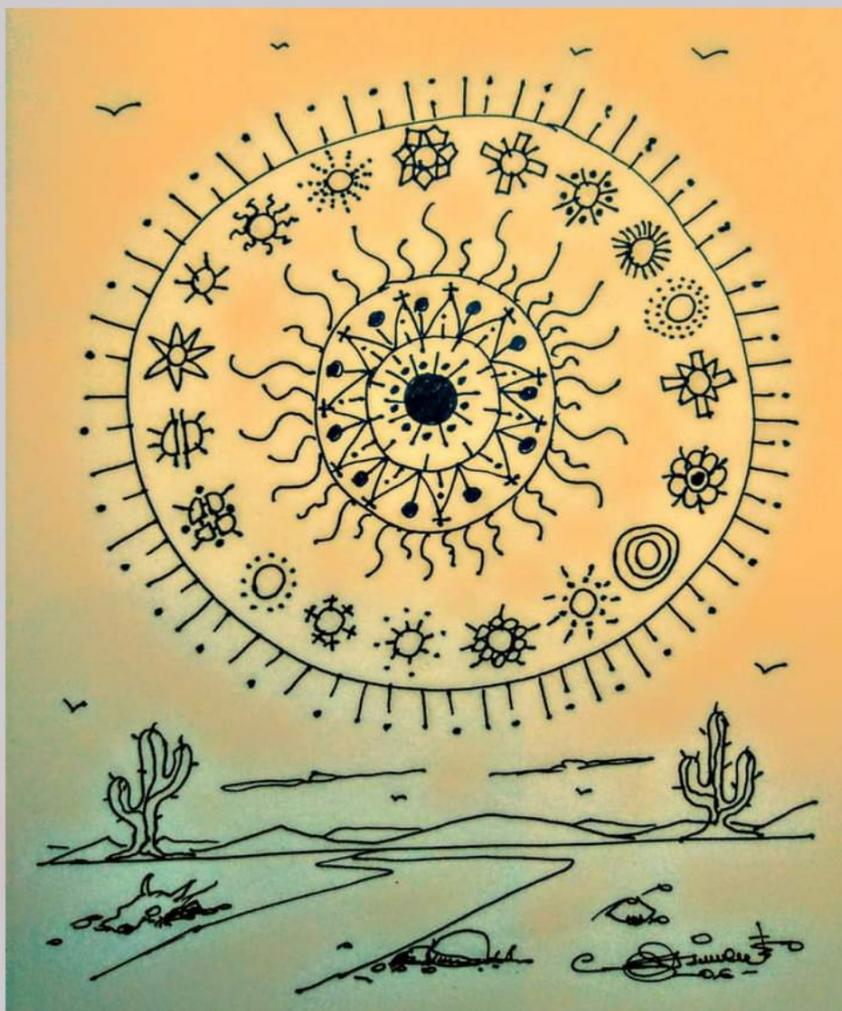
A

R

T

E

Visual



**SOIS SÓIS - Desenho
nanquim sobre couchê -
Carlos Nascimento**

NÍSIA FLORESTA: UMA MULHER ALÉM DO SEU TEMPO

Ana Paula Marques

Em Papari, Rio Grande do Norte, no dia 12 de outubro de 1810, nascia a educadora, escritora e poetisa Dionísia Gonçalves Pinto, pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta.



Foto: Reprodução

Em 1838, reinava D. Pedro II, quando a sociedade era patriarcal, e a mulher era considerada um ser de pouca importância,

com menos direitos que os homens. No Brasil Imperial, só era ensinado às mulheres a cuidar do lar, costurar e cumprir com as obrigações de esposa e mãe.

Nísia era à frente de seu tempo, via a mulher como pessoa importante capaz de desempenhar um papel fundamental na sociedade. Ela foi a primeira educadora feminista do Brasil, participando das campanhas abolicionistas e republicanas. Escreveu 15 obras, dentre elas o seu primeiro livro, "*Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*". Suas obras tiveram reconhecimento mundial, pois defendiam o direito das mulheres, dos escravos e dos índios.

Outrossim, defendeu o direito à educação científica para meninas, fundando o Colégio Augusto, onde era ensinado português, italiano, francês, matemática, ciências naturais e sociais, dança e música. Através desse trabalho, Nísia conseguiu preparar essas meninas para o exercício da cidadania.

Há 12 anos, no local de seu nascimento, foi inaugurado em sua homenagem o *Museu Nísia Floresta* para preservar e disseminar o seu acervo vinculado à sua memória histórica.

Ana Paula é graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. Professora da educação especial, poetisa e audiodescritora da **Revista Sarau**. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas *Mulheres Poesis*. Coautora dos livros *Educação em Revista*, *A Felicidade Pós-Moderna*, *Poetas Nordestinos Vol. I* e *Vida em Poesia*. Conquistou o 1º lugar (2023) e o 4º lugar (2022) no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

NÍSIA FLORESTA: A PRIMEIRA FEMINISTA DO BRASIL

Lucirene Façanha

Escritora, feminista e educadora do século XIX, Nísia Floresta defendeu a educação para todos, publicou livros inovadores, criou a primeira escola exclusiva para meninas. Inovadora, com o pseudônimo *On My Ilustre Dama*, escreveu em jornais e revistas da época, quando esses meios de comunicação, mesmo com pautas para mulheres, eram escritos somente por homens.

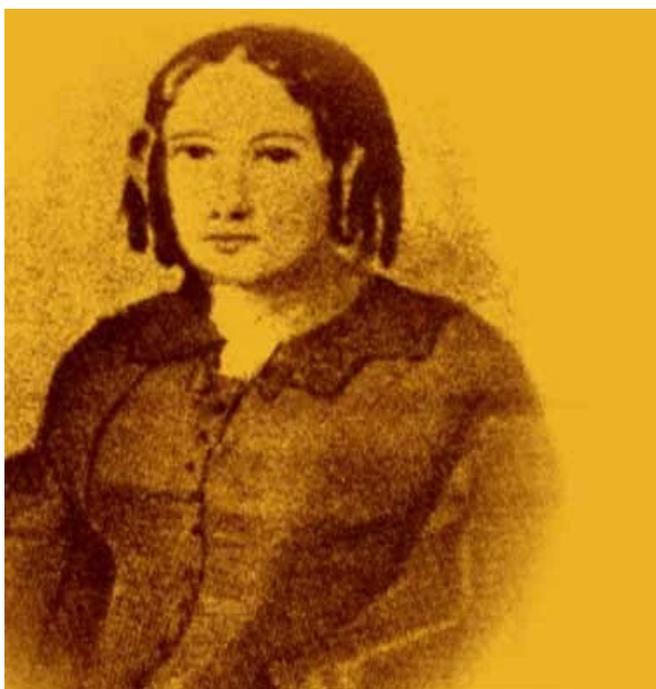


Foto: Reprodução

A literatura passou a fazer parte de seus interesses e apaixonando-se pela escrita, lançou o livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. O jornal onde este foi publicado teve 30 edições, em que em todas elas, Nísia foi a redatora.

Mudou-se para a Europa. Lá, criou e muito produziu muitos textos/obras. Lutou bravamente para que as mulheres pudessem ter direito à educação, igualdade de direitos dentro da sociedade e defendeu a abolição da escravatura e a liberdade religiosa.

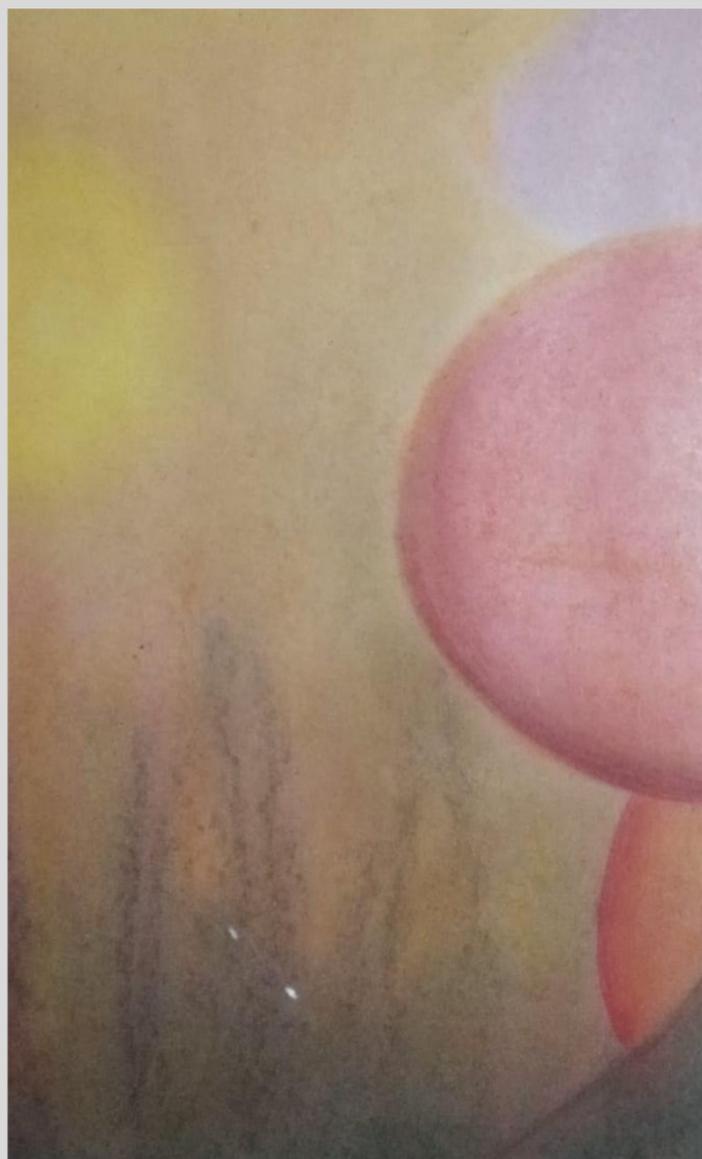
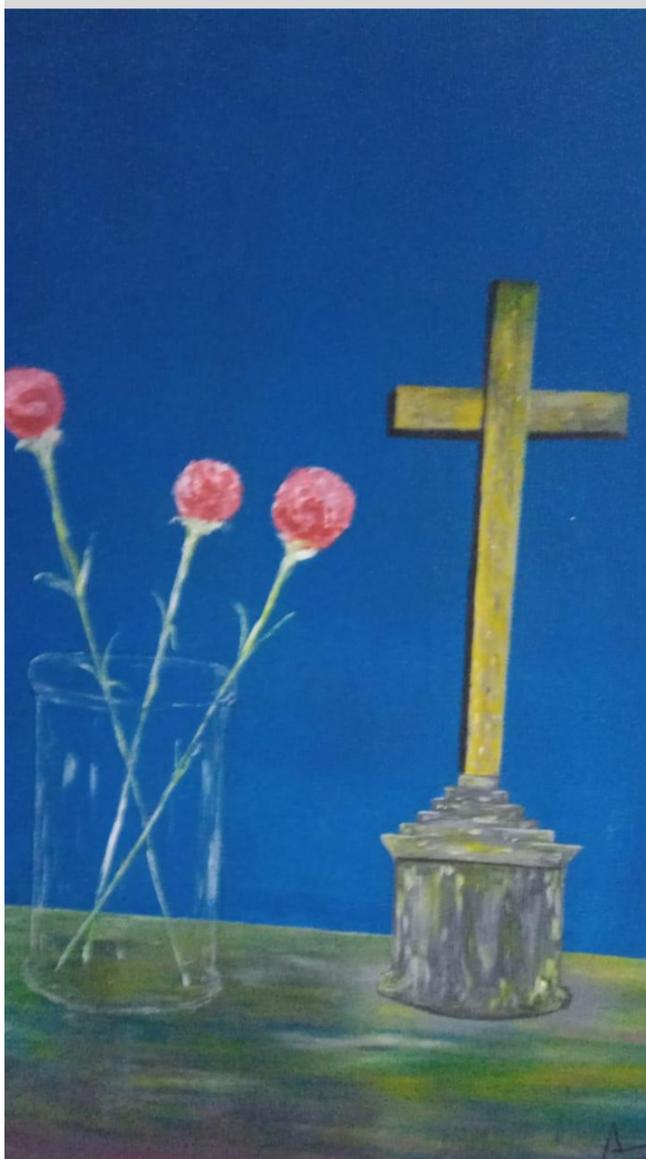
Nísia Floresta foi uma honrosa exceção, em meio à grande massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas. Sua memória sobrevive contra o tempo que não consegue apagar o legado desta mulher tão à frente do seu tempo.

A cidade onde nasceu se rendeu aos seus feitos. Seu nome, após muita luta das que souberam reconhecer seus méritos, antes chamado de Papari, designa hoje uma cidade que cresce embalada pela primeira mulher a romper os limites entre os espaços públicos e privados, tornando-se ícone entre a população.

Lucirene Façanha é graduada em História com Especialização em Ensino. Participa de diversas coletâneas. Foi agraciada com os prêmios Ideal Clube, IFPB. E-book na Amazon: *O Elo e Silêncio sobre o Algodão*. Físicos: *O homem na janela e hecatombe*. Vice-Presidente da ACE (Assoc. Cearense de Escritores). Participa dos grupos de leitura *Conversa* e *CPLI*. Articuladora do *Mulherio das Letras*.

ARTE VISUAL

AMAURI FLÔR



Sim à vida

NÚBIA LAFAYETTE, A VOZ DE CRISTAL

No final da década de 1950, participou de alguns programas de calouros no rádio, interpretando músicas de Vicente Celestino. Foi “crooner” da boate Cave. Fã de Dalva de Oliveira, cantora que exerceu influência marcante em sua carreira, teve entre seus maiores sucessos canções românticas e boleros, como “Seria tão diferente”, “Solidão”, “Negue” e “Devolvi”, todas de Adelino Moreira, além de “Casa e comida”, de Rossini Pinto. Trabalhava como comerciária nas Lojas Pernambucanas quando participou, com o nome artístico de Nilde Araújo, do concurso de calouros “A voz de ouro”, apresentado na TV Tupi, do Rio de Janeiro. Um dos jurados, o proprietário da boate Cave, Jordão Magalhães, a convidou a cantar naquela casa noturna, onde conheceu o compositor Adelino Moreira, que a levou para a RCA Camden. Antes, porém, com apoio do cantor e compositor Joel de Almeida, gravou com o nome de Nilde Araújo um disco pela Polydor com os sambas “Vai de vez”, de Paulo Tito e Ricardo Galeno, e “Sou eu”, de Valdir Machado e Rubens Machado. Cantou também na boate Michel, em São Paulo.

Em 1960, lançou seu primeiro disco com o nome artístico de Núbia Lafayette, pela gravadora RCA Camden com duas composições de Adelino Moreira, de quem foi uma das principais intérpretes, o samba-canção “Devolvi”, um de seus maiores sucessos e o samba-choro “Nosso amargor”. Em 1961, gravou mais quatro composições de Adelino Moreira, os sambas-canção “Solidão”, “Preciso chorar” e “Prece à lua” e o samba “Não jures mais”. No ano seguinte, gravou de Adelino Moreira os sambas-canção “Ontem à noite” e “Razão”, a marcha “Páginas portuguesas” e o tango “Vida”. Gravou também o samba-canção “É tudo calúnia”, de

Antônio Almeida e a toada “Saudade malvada”, de Erasmo Silva.



Foto: Reprodução

Lançou mais dois discos com músicas de Adelino Moreira em 1963, os sambas-canção “Não creias”, “Ouvi dizer” e “Mil lágrimas” e o samba “O vento”. Com o advento da jovem guarda, sua carreira declinou. Fez algumas gravações mais esporádicas, como os compactos simples “Núbia Lafayette com orquestra Chantecler”, em 1966 e “Núbia Lafayette”, no ano seguinte, além do LP “Nem eu, nem tu, ninguém” lançado pela Philips em 1970.

Em 1967, participou do LP “Encontro com Adelino Moreira” no qual interpretou várias obras do compositor, como “Devolvi” e “Solidão”.

Em 1971, lançou o LP “A voz quente de Núbia Lafayette”, pela RCA Camden interpretando 14 composições de Adelino

Moreira, entre as quais “Solidão”, “Prece à lua”, “Nosso amargor”, “Vida” e “Segredo”, já gravadas anteriormente e outras como “Seria tão diferente” e “Gente assim como a gente”, com Tonio Luna e “Devoção”, com Ramalho Neto. Em 1972, gravou pelo selo Entré/CBS o LP “Casa e comida”, cuja música-título, um bolero de Rossini Pinto, fez muito sucesso e deu novo impulso à sua carreira. O disco apresentou outras composições de Rossini Pinto, como: “A porta continua aberta”, “Sempre que ouço teu nome” e “Preciso de um amigo”, além de “Jamais estive tão segura de mim mesma”, de Rauzito, nome artístico usado no começo da carreira por Raul Seixas. Em 1974, lançou o LP “Núbia Lafayette”, com direção artística de Rossini Pinto, no qual interpretou boleros e sambas-canção como “Lama”, de Paulo Marques e Aylce Chaves; “Pensando em ti”, de Herivelto Martins e David Nasser; “Sonhando contigo (Soñando Contigo)”, de Vedasto Acosta, adaptação de Paulo Gracindo; “Desquite”, de Aldem Vieira, Walter Juarez e Monteiro Neto; “Esposa ideal”, de Chico Xavier e Nem; “O mundo gira”, de Rossini Pinto; “Esta noite eu queria que o mundo acabasse”, de Silvio Lima; “Fracasso”, de Mário Lago; “Foi somente uma vez (Solamente una vez)”, de Agustín Lara, versão de Rossini Pinto; “A vida tem dessas coisas”, de César Sampaio; “Não sei”, de Aloísio Marins e Evaldo José, e “Ficará só a saudade”, de Othon Russo e Niquinho.

Lançou novo LP dois anos depois com músicas de diferentes compositores do repertório romântico, como “Surpresa” e “Cascata de pranto”, de Adelino Moreira, e “Pinta de machão”, de Raul Sampaio e Celso Castro, além de “Nunca pensei”, de Rubens Soares e Nárrara e “Terezinha”, de Chico Buarque. Dois anos depois, transferiu-se para o selo Epic/CBS e lançou o LP “Os 20 anos

artísticos de Núbia Lafayette” no qual apresentou “Minha sorte”, de Rossini Pinto, “Afinal”, de Luiz Bittencourt e Ismael Neto, “Não me pergunte mais”, de Ivor Lancellotti e “Mais uma lição”, de Nonô Basílio. Também em 1976, obteve o segundo lugar no “Festival da canção”, na Colômbia, com a música “A vida tem dessas coisas”, de César Sampaio. Em 1985, voltou para a RCA Camden e lançou o LP “Por amar demais”, cantando um pot-pourri de seus sucessos com “Seria tão diferente”, de Tonio Luna e Adelino Moreira, “Solidão” e “Devolvi”, de Adelino Moreira e “Casa e comida”, de Rossini Pinto, além de “Pense”, de César Augusto e Martinha, “Entre amigas”, de Paulo Massadas e Michael Sullivan, “Rival”, de Raul Sampaio e Benil Santos e “Mulher e daí (Apenas mulher), de Gonzaguinha.

Em 1992, gravou pela Sony Music o CD “Brasília sentimental” na série “Academia brasileira de música” interpretando entre outras, “Sentimental demais”, e Jair Amorim e Evaldo Gouveia, “Escuta”, de Ivon Curi, “Conselho”, de Oswaldo Guilherme e Denis Brean, “Matriz ou filial”, de Lúcio Cardim, “Negue”, de Adelino Moreira e Enzo de Almeida Passos e “Que será”, de Marino Pinto e Mário Rossi. Ainda na década de 1990, participou, na cidade de Natal, do Projeto “Natal em canto” com o Trio Irakitan. Passou a morar, a partir da década de 1990, em Maricá, litoral norte do Rio de Janeiro, só saindo para participar de shows especiais e esporádicos programas de TV e rádio. Em 2006, além de realizar shows na noite carioca e paulistana, apresentou-se no programa “Sílvio Santos” no qual cantou o sucesso de Zezé di Camargo “É o amor”. Uma das principais cantoras românticas brasileiras, gravou mais de vinte discos entre 78 rpm, LPs e CDs em mais de 40 anos de carreira.

Fonte: <https://dicionariompb.com.br/artista/nubia-lafayette/>

NÚBIA, A DIVA

Elcid Lemos

Na cidade de Assú
No Rio Grande do Norte
Nasceu uma grande voz
Que o canto mudou a sorte
Foi tão grande o seu talento.
Cantava com sentimento
Encantar era o seu forte

Estreou interpretando
A Dalva de Oliveira
E foi lá que conheceu
O Adelino Moreira
Compositor que adorou
Por voz se encantou
E fez brilhar sua carreira



Foto: Reprodução

Idenilde Araújo
Foi o seu nome primeiro
E com três anos de idade
Foi para o Rio de Janeiro
Primeiro foi vendedora
Depois uma grande cantora
Ganhou o país inteiro

Com sua voz afinada
E com um belo vibrato
Foi calouro na Tupi
Seu primeiro estrelato
Depois Cantou em boate
Fazendo bem sua parte
Emocionando de fato

Foi Adelino Moreira
Com Nelson Gonçalves
Que levou a gravadora
Idenilde Araújo Alves
Um novo nome aceitou
Núbia então se chamou
Querida em todos os lugares

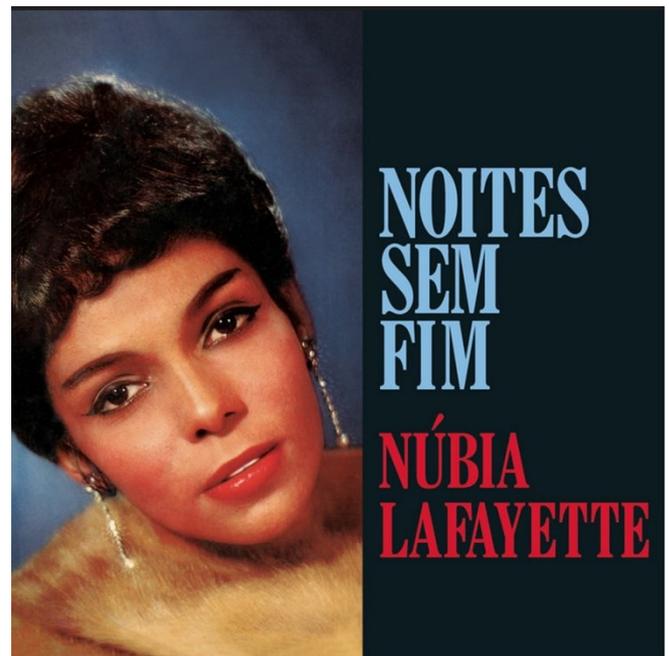


Foto: Reprodução

O ano era sessenta
Carregado de emoção
Núbia gravou de Moreira
Um belo samba-canção
Devolvi era o seu nome
Com seu novo codinome
Mexeu com o coração

Depois do samba-canção
 O sucesso explodiu
 Gravou Fracasso e Lama
 Sua voz evoluiu
 Vieram outras canções
 Que tocaram corações
 Depois sua fama subiu



Foto: Reprodução

Fica comigo esta noite
 Quem eu quero não me quer
 Fez muita gente chorar
 Sofrer por homem e mulher
 Beber pinga até cair
 Pedir perdão e partir
 Lamentar num bar qualquer

Quem não pediu ombro amigo
 Para se abrir e chorar
 Se ajoelhou diante do garçom
 Pedindo para pendurar
 Amanheceu numa praça
 Com um burrinho de cachaça
 Depois de Núbia escutar

Núbia era bem eclética
 Além de samba-canção
 Bolero e MPB
 Cantava com perfeição
 Na seresta arrasava
 A sua voz derramava
 Gostas de muita emoção

Por mais de cinquenta anos
 Manteve sua atividade
 Foi uma grande guerreira
 Cantou com brio e verdade
 Partiu em dois mil e sete
 Nossa diva Lafayette
 Se foi para a eternidade

Em nome dos seresteiros
 Dos bares por todo canto
 Dos cabarés de raiz
 De quem derramou seu pranto
 Fica o agradecimento
 Por seu enorme talento
 Sua entrega e seu encanto

Elcid Lemos é cantor, compositor e cordelista. Um apaixonado pela cultura popular.

ARTE POPULAR

Nonato
Araújo

Coleção Apitos



Ateliê de Arte Nonato
Araújo e Galeria Mario Pio.
Rua Presidente Vargas
Via Férrea, 3286 - Parque
Presidente Vargas -
Fortaleza - CE.

Fone: (85) 9 87383650



PARAHYBA DE MEDEIROS

Nonato Nogueira

Aluízio Moisés de Medeiros (PARAHYBA), nasceu em 23 de fevereiro de 1959 na Fazenda Pitombas, localizada na divisa entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Era metade em cada estado. Mas a casa grande ficava no território paraibano. A cidade mais próxima era São João do Sabugi–RN - o município que consta, na sua certidão de nascimento, como o local onde o artista nasceu. Era lá onde sua família fazia a feira, onde tinha os médicos e o cartório. Mas essa embrulhada toda também deve ter a ver com que seu pai tinha espírito cigano. E ele deve ter herdado isso do avô de Parahyba, que era o dono da Fazenda Pitombas. Lá, todos os anos, seu avô permitia que os ciganos acampassem. E é dessa primeira infância que Parahyba recebe muitas influências, até de forma inconsciente. Os aboios dos vaqueiros são o primeiro repertório que ele tem gravado no seu inconsciente. Assim com o registro do som das vacas andando no curral, os chocalhos tocando... Dessa época, existem umas fotografias muito engraçadas das pessoas de sua família em volta de um rádio. Prova de que havia uma certa veneração para com a música. Daqueles tempos vêm as lembranças das emissoras de rádio que tocavam as músicas de Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga e Beatles.

Ainda criança, chegou ao Ceará. Foi nas terras cearenses que ganhou o apelido de Parahyba.

Parahyba de Medeiros cursou filosofia e música na Universidade Estadual do Ceará entre 1983 e 1987. Foi no curso de Filosofia que nasceu o Parahyba com “hy” ao invés de Paraíba, com i e acento agudo. Certa vez foi chamado pelo professor Manfredo Oliveira de Parahyba. Achou então essa forma de escrita

bem original. Foi aí que virou seu nome artístico.



Foto: Reprodução

Esse cantor e compositor vive há vários anos no Ceará. Sua carreira musical começou nos anos 1980. Possui um vasto repertório autoral em que mistura elementos da música nordestina com novas tecnologias e elementos da música universal.



Foto: reprodução

<https://youtu.be/tjtSYn48C-M?si=3ZbrtMOhpNf--zg8>



Foto: Reprodução

Entre 2007 e 2014, foi coordenador da Cia. Bate Palmas, um empreendimento artístico-cultural, atuando no Conjunto Palmeiras, na periferia de Fortaleza. Durante muito tempo tem se apresentado com esses jovens músicos, compondo o grupo Parahyba e Cia. Bate Palmas. Em 2017, lançou o CD Parahyba e Cia. Bate Palmas.

Há alguns anos, ele teve a composição “Voar Sem Fim” escolhida como a melhor música da década pela Fundação Demócrito Rocha, que pertence ao jornal O Povo, em Fortaleza. Essa música foi gravada em 1998 pela cantora espanhola Larbanóis Carrero e Belchior.

Lançamento e shows do CD *Arte e Vida Parahyba* em Fortaleza e Brasília. 2003 a 2005.

O compositor e cantor Parahyba, 65, já soma mais de 40 anos de carreira artística. Em 2003, ele lançou seu primeiro CD solo, “Arte e Vida Parahyba”, com arranjos, violões, produção e direção-geral de Manassés. O disco traz uma retrospectiva do trabalho de Parahyba e inclui antigas e novas canções. O artista fez algumas apresentações em Fortaleza e Brasília entre 2003 e 2005.



Foto: Reprodução

Nonato Nogueira é natural de Fortaleza–CE. É professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros de Literatura Infantojuvenil e didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos *A solidão de Nietzsche*, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023.

A POESIA DE SOPHIA JAMALI SOUFI



EXPECTATIVA

recuerda tu soledad
Detrás de puertas cerradas, nadie te encontrará
La muerte está parada en un rincón contando tus respiraciones
Huyes de los gritos
Los recuerdos perdidos se repiten
Te sientas en un rincón oscuro esperando la mañana que nunca llega...

PATRIA

Quieren que me vaya de mi patria
¿Cómo puede un árbol dejar sus raíces?

AMAR

De repente viniste a mi
no te estaba esperando
Tal vez
El amor era otro nombre para la muerte...

Sophia Jamali Soufi, uma escritora iraniana nascida em Rasht, tem 21 anos e começou a escrever aos 9 anos.

VERMELHO

Ludimilla Barreira

Acordei assustada e ansiosa, precisava conferir que tudo estava dentro do planejado. Quando sentei e não vi o vermelho, acreditei que tive um pesadelo. Comemorei silenciosamente, foi apenas uma situação daquelas que servem como um teste para confirmar o quanto eu o desejava. Foram segundos de uma felicidade consciente. Fechei os olhos e pensei: tudo está normal, mas logo a cor do papel denunciou que nem tudo é tão simples quando parece.



Foto: Reprodução

Eu gostava de vermelho, é uma cor vibrante e elegante, mas a partir daquele momento ele representou uma sentença. Tinha cheiro e me trouxe a morbidez e a dor. Meu corpo produziu uma arte monocromática nas paredes brancas que pulsavam na minha vista como luzes piscando. Tudo contrastava

com aquilo que não representava mais a vida, apenas a certeza da morte.

Se não tem mais vida, por que teria pressa? Não reuni forças, elas estavam dispersas na parede. A minha vontade era de permanecer sentada, recolher tudo que meu corpo expulsou e voltar para o segundo anterior ao resultado positivo. Me levantei sem nem saber o que fazer. Me lavo? A crise da mulher e a necessidade de limpeza, era o meu único pensamento. Limpar e lavar não acabaria com a minha dor, infelizmente. Eu tinha apego àquelas manchas.

Fiquei limpa, por fora, claro. Revirei os olhos, pois diante de todo um acontecimento tão perverso, eu precisava estar l-i-m-p-a. Ninguém poderia me ver e imaginar o que aconteceu no meu banheiro, seria uma grande afronta, aprendi que essas coisas a gente não fala. Morte é pecado. Vida é assunto.

O médico confirma o que eu já esperava: perdi. Recebo a notícia deitada e, de lá, não quero sair, ainda são tantos detalhes. Fiquei internada, precisavam retirar tudo urgentemente, pois o que antes era sonho virou um enorme incômodo que meu corpo tratou naturalmente de expulsar.

Entrei no quarto e percebi que tinha uma companheira. Mas o caso dela era diferente: a cada duas palavras ouvi que ela mesma gostaria de expulsar seu incômodo do ventre.

Não sei qual castigo foi mais desafiador, chegar até aquele instante ou ouvir repetidamente de outra mulher que ela não queria o filho que carregava no ventre, enquanto o meu foi embora antes de me encontrar.

É estranha a sensação de perceber que as mulheres não têm piedade de mulher, principalmente quando mais precisamos umas das outras. Pensando sobre isso enquanto estava deitada esperando o momento de entrar no centro cirúrgico, uma enfermeira me comunicou que antes precisava introduzir uns comprimidos, nem entendi o que ela quis dizer. Estava aérea e sozinha, meu espírito vivaz e a sagacidade se esconderam com medo do vermelho. Apenas entendi que precisava abrir as pernas quando ela tocou meus joelhos; quando dei por mim,

já tinham colocado alguns comprimidos e a dor me consumiu.

Depois disso, apenas existi naquela cama fria. Ainda sinto a aspereza daquele momento quando fecho os olhos e me transporto para aquele quarto. Eu entendo que há um ritual de autoflagelação em relembrar tudo; mas é uma forma de revisitar o momento em que não fui forte, nem fraca, apenas suportei o que exigiram de mim.

Esperaram de mim o silêncio e a resignação, como sempre querem da mulher educada e bem-comportada, mas não deu para digerir muito fácil. Além disso, escutei inúmeras vezes que tudo foi normal, sempre acontece, e eu deveria seguir em frente. Depois de um tempo, vomitei em palavra essa dor que estava entranhada; essa foi a única forma que encontrei de virar a página.

Ludimilla Barreira - Leitora, sonhadora, eterna estudante e observadora da vida. Além disso, é bacharel em Direito, especialista em Direito Público, servidora do executivo estadual e defensora da igualdade.

PROSA E VERSO

Rangel Flor

AS MÃES QUE NÃO SABIAM NADAR

As chuvas estavam fortes na região do sul naquele ano e mesmo com toda a previsão do tempo, não se podia imaginar aquele dilúvio nos últimos dois dias. Mesmo com a ameaça das comportas romperem, as famílias seguiam seus dias dentro de casa. A barragem rompeu inesperadamente naquela madrugada e o volume d'água era absurdamente enorme. O nível da água subiu mais de 9 metros em alguns pontos da cidade pela costa do rio. As correntezas impiedosamente destruíram tudo o que encontravam à sua frente, até algumas casas construídas para resistir. Árvores eram arrancadas da terra e levadas pelas águas, móveis, eletrodomésticos, corpos de gente e de animais.

A mãe se viu abraçada milagrosamente em uma árvore ainda de pé. Lutava tanto quanto ela bravamente para resistir. O filho e o marido também alcançaram a mesma árvore; escalaram os galhos e se agarraram com todas as suas forças. O volume da água só aumentava. Subia e ficava mais forte e violenta. Sacudia o velho tronco de salgueiro. As águas arrastaram as casas como se fossem brinquedos ou folhas de papel. A mulher viu o seu gato preto de estimação passando por eles. O instinto de sobrevivência dos animais era semelhante ao dos homens; o felino segurava firme com suas garras um pequeno pedaço de madeira que boiava à deriva a algum rumo trágico. Descia rápido pela força das águas e por mais que se estrebuchasse, parecia em vão. Zoe, o seu

cachorro, o grande labrador, criado desde filhote, também foi o próximo a passar por eles, assim como quase todos os destroços da cidade naquela primeira hora que se seguiu de terror. E tudo só piorava.

A pobre árvore era sacudida como um velho espanador, pensou. O coração estava aflito, os pulmões, talvez, cheios daquela lama dos escombros. Tentava se equilibrar nos galhos que se sacudia violentamente, e tinha sempre a impressão de que a casa de algum vizinho se esbarrava de propósito sobre eles a fim de derrubá-los. Avistou um pequeno corpo sendo levado pelas correntezas. Pensou ser um boneco, mas era o corpo de um recém-nascido e logo outros inúmeros corpos de vizinhos, amigos, conhecidos e conterrâneos eram arrastados para as profundezas do vale.

Nada restava de pé. A árvore em que estavam também sucumbiu. Eram estrondos barulhentos que vinham de todos os lugares, mas ela sentiu as raízes se soltarem. Era semelhante à obstrução de um dente. Teve a mesma sensação, e logo eles não pertenciam mais àquele lugar. Foram engolidos pelas correntezas, separados, jogados a vários metros de distância. Não tinha como lutar contra a força da natureza. Era inútil e impossível lutar contra tamanha força. O mundo parecia estar desabando sobre suas cabeças. O mundo pareceu cair. Agora, esmagando seus corpos contra os destroços, troncos de árvores, telhados e objetos vindo

de toda parte. A mãe finalmente entendeu que aquele era o seu fim.

As mãos ainda podiam alcançar outro corpo. Jurou ser o marido tomado por suas mãos. Ao longe, viu o filho escalar um velho salgueiro. Um mais robusto que aquele em que eles estavam. Aquela árvore era a mais antiga da cidade. Sentiu-se feliz pelo filho. Não poderia nadar até ele, nem se as correntezas deixassem. Não sabia nadar, e o braço do rio era impiedoso.

Não havia nem um pedaço de terra firme onde os seus olhos alcançassem. Tudo havia sido tomado pelas águas. Avistou algumas casas que teimosamente permaneciam em pé e muitos entulhos daquilo que era o lar de

outras mães. Talvez não soubessem nadar, assim como ela. E não resistiram. Viu os livros da antiga biblioteca da cidade sendo levados. Toda a sabedoria dos homens escorrendo pelo ralo. O que fez para merecer esse fim, se perguntou.

Avistou o filho pela última vez. Ele estava gritando por ela em um desespero que lhe cortava o coração.

— Se segure firme, ainda gritou. Talvez não lhe ouvisse. Gritou mesmo assim:

— Você vai conseguir.

Agradeceu a Deus pela segurança dele, enquanto ia sendo arrastada e sumindo.

A criança foi encontrada quatro dias depois, com sede e faminta, agarrada àquela árvore.

UMA PRECE SILENCIOSA

Era tão perene a felicidade...
Agora, já não é mais.
Tudo é estranho à minha volta.
Como me acostumar?

O luto tem sido uma roupa escura;
Tonalidades pesadas e mortas.
Há pedaços de você em todos os lugares.
Em cada direção que observo.

Você está em toda parte da casa
E nós não existimos.
Há apenas eu e o vazio.
A ausência de tudo o que fomos.

As lágrimas têm sido minha companhia.
Um velho hábito que já não posso mais cultivar.
Uma prece silenciosa para minha dor.

A velha tristeza me ampara
Nesta jornada solitária.
Solícita, nos dias monótonos,
Cativa de um amor ausente.

Francisco Rangel Pinho Furtado "Rangel Flor": Graduado em Ciências Religiosas. Autor das crônicas "Luto Coletivo", publicado em 2023.

A ÚLTIMA NOTA

Gorette Rodrigues

Um músico que do nada tirava música. Um inglês. Uma cantora francesa. Um inglês e uma francesa. Ele a leva para a Inglaterra. Nasce Henry. Ela não estava pronta para a convivência, para a vida comum. Henry fica num internato.

Os pais seguem...

Num lampejo de boas lembranças, aquelas que salvam, assim como a música, a poesia e o humor (também o amor), Henry a elas se agarra: longas caminhadas na praia, com ele e ela.

Filho da música, torna-se um grande pianista. Encontra uma amada.

- Ela estava radiante naquele dia, naquela noite!

Conversam, conversam e, sonham juntos. Ela desaparece no dia seguinte, sem despedida...

Será a morte a última nota? O que falta aos vivos para abrirem ou fecharem partituras? Partituras seriam partidas? E qual é a última nota da partitura da vida?

A vida é um desafio e, muitas vezes, um pesadelo, que nos tira o chão, as teclas, o teclado inteiro! ... E as notas? Pra onde vão as notas, quando silenciarmos nossas dores, angústias, ansiedades e ... nossos medos? Medo de quê? De falhar? De fracassar?

E se alguém nos dissesse que importa mais a experiência que a performance? Qualquer performance...

Será mesmo que o que distingue ou destaca as pessoas é a capacidade de sentir?

Indagações, hesitações e, principalmente contradições, são a nossa matéria prima. E o mais verdadeiro que há em nós são nossas contradições. Mesmo quando as negamos, numa busca estúpida de cair no colo da certeza e da escravidão da própria identidade.

O que os humanos querem? Serem valorizados ou superarem algo? O que há de mágico, alentador e revigorante em escutar e contar histórias? Principalmente as nossas fragilidades, que nos lembram, a cada instante, quão frágil é a existência?

A última nota de um pianista. A última nota de uma jornalista. O que une essas notas? As confissões de suas próprias fragilidades? Inclusive sobre a idealização, que nos ampara, nos sustenta e, até pode nos fazer desmoronar?

Fatos que nos antecedem, contemporâneos ou que nos sucedem, os sucessos da vida, enfim... Eles que, por vezes, desejamos que sejam matemáticos, como a cada, ou a última nota. Que fecha a peça e abre para as teclas da vida, as que tocamos. As que nos ajudam a tocar a vida.

E o sucesso, na maioria das vezes, ou quase sempre, esconde uma falha, uma ferida ou alguma dúvida profundamente enraizada ou sedimentada, que pode até ficar longe de nossas mentes, mas estará ali, aguardando por algum tempo, à espreita, para assustar, por trás das máscaras.

Um menino Henry, um menino Daniel e, um menino não totalmente desconhecido, que persistem em aparecer, tirando, literalmente do sério, da seriedade. A criança que cada vez que caímos, vem nos dar a mão.

É o infantil do desamparo, experimentado por Helen, que parece salvar Henry. Mas, também pode ser verdade que o suposto adulto (rocha), que fora visto nele por Helen, a fez viver.

Agora, como adultos, que carregam seus infantis adormecidos (ou não!), escondidos nas notas que compõem suas vidas, podem,

simplesmente, se sentar ao lado, escutarem, contarem histórias.

Nesse encontro, mergulhados em cenários e musicalidade, Helen e Henry podem compor juntos, lembranças, elaborações e se permitirem tocar e trocar notas, anotações, se notarem intensamente, num olhar que se repete na intensidade de silêncios.

- "Gostou das flores?"

- Sim. Gosto de todas as formas silenciosas de vida..."

É no silêncio que a música acontece. E também nos silêncios de Helen e Henry, que todas as notas de suas vidas podem ser escutadas e ressignificadas. Inclusive a última. A última?

Gorette Rodrigues: Psicóloga/Psicoterapeuta de orientação psicanalítica, Professora Especialista em Educação Inclusiva, poeta, bailarina. Publicações em: Fios da Teia (org. Flávia Suassuna); Contos, Crônicas e Poemas; Textos Poéticos; Doces, Amargos e Desatinos; Desejos, Feitos e Infinitos, todas coletâneas do Projeto Rede Solidária (org. Zeca Lemos); Revista Sarau; Poemas para Celebrar a Vida (org. Nonato Nogueira). Residente em Recife. @gorettepsi

PROSA E VERSO

Valéria Accioly

QUEM SABE, UMA CADELA DE RUA?!

Nasceu e foi destinada a viver nas ruas, quem sabe?

Sofreu toda sorte de maus tratos e desprezo desde o primeiro contato com esse mundo, quicá?!

Mas, soube dar a volta por cima, superou suas dores e se lançou à sua aventura.

Foi se chegando à nossa rua e conquistando um a um.

Foi amada porque amou por primeiro.

Protegia, cuidava, não deixava estranhos suspeitos entrarem na rua. Acompanhava quem quer que fosse dos moradores, levava até a parada do ônibus, ao supermercado e brincava com as crianças, jogava bola e fazia festa.

Acreditem, se sentava nas cadeiras das rodas de conversas dos idosos e parecia participar dos assuntos ali falado.

Todos da rua a amavam, alimentavam e cuidavam dela, mas era um ser livre não queria morar com ninguém.

Algumas pessoas maldosas a ameaçavam por ela ser uma boa cadela de guarda.

No dia em que foi atropelada, todos nos juntamos para cuidar dos seus ferimentos.

Foi lá na nossa rua que foi mãe pela primeira vez, uma linda ninhada de 10 lindos cachorrinhos, que nasceram embaixo de um contêiner que estava ali, jogado há anos.

Não demorou dois dias do desmame para lhe levarem os filhotes embora, todos já tinha uma família onde viver, amar e serem amados.

Certo dia alguém lhe jurou de morte e não havia mais como defendê-la.

Decidimos levá-la para um terreno de nosso filho que a acolheu e lhe deu uma matilha onde ela pudesse ser feliz.

Mas diferente dos seres humanos ela não conseguia ser ingrata e logo se tornou uma exímia caçadora, livrando assim o terreno de todo tipo de roedores, prestando serviço e fazendo a sua parte.

Os anos se passaram e agora já velhinha o câncer a levou de volta para o céu dos animais que têm a bondade em si e o nobre comportamento de uma verdadeira Princesa. Vai em Paz nossa querida Princesa!

AUTISMO

Tudo está planejado em nossas almas
Muito antes de nossos corpos tomarem as atitudes
Mesmo quando não queremos falar
Mesmo quando não conseguimos olhar nos olhos
Mesmo que as palavras que nos dizem não tenham os mesmos significados
Ou que não nos penetre
Mesmo quando não suportamos os sons altos, ou as cores, luzes e cheiros excessivos
Escapamos para o
Nosso porto seguro
Fugimos para o nosso interior
Enxergamos por outro prisma
Agimos focados naquilo em que somos melhores
Mesmo se não realizamos fisicamente
Devido às nossas limitações
Permanecemos em nosso mundo
Superamos tudo e todos com os nossos talentos, se formos respeitados
Nossa condição, seja lá em que nível seja
Nunca será leve para nós
A dor e o sofrimento já nos machucam o suficiente
O nosso espectro não nos diminui
Na verdade, o que nos impede de sermos felizes
É o seu preconceito isso é o que mais nos magoa.

RAZÃO DO POEMA

Miriam Pina

Choro a dor
Do amigo perdido,
Desaparecido
Nas dobras do tempo...

Os olhos passeiam
Metrô, passarela
Palácio, favela,
Foto no jornal.

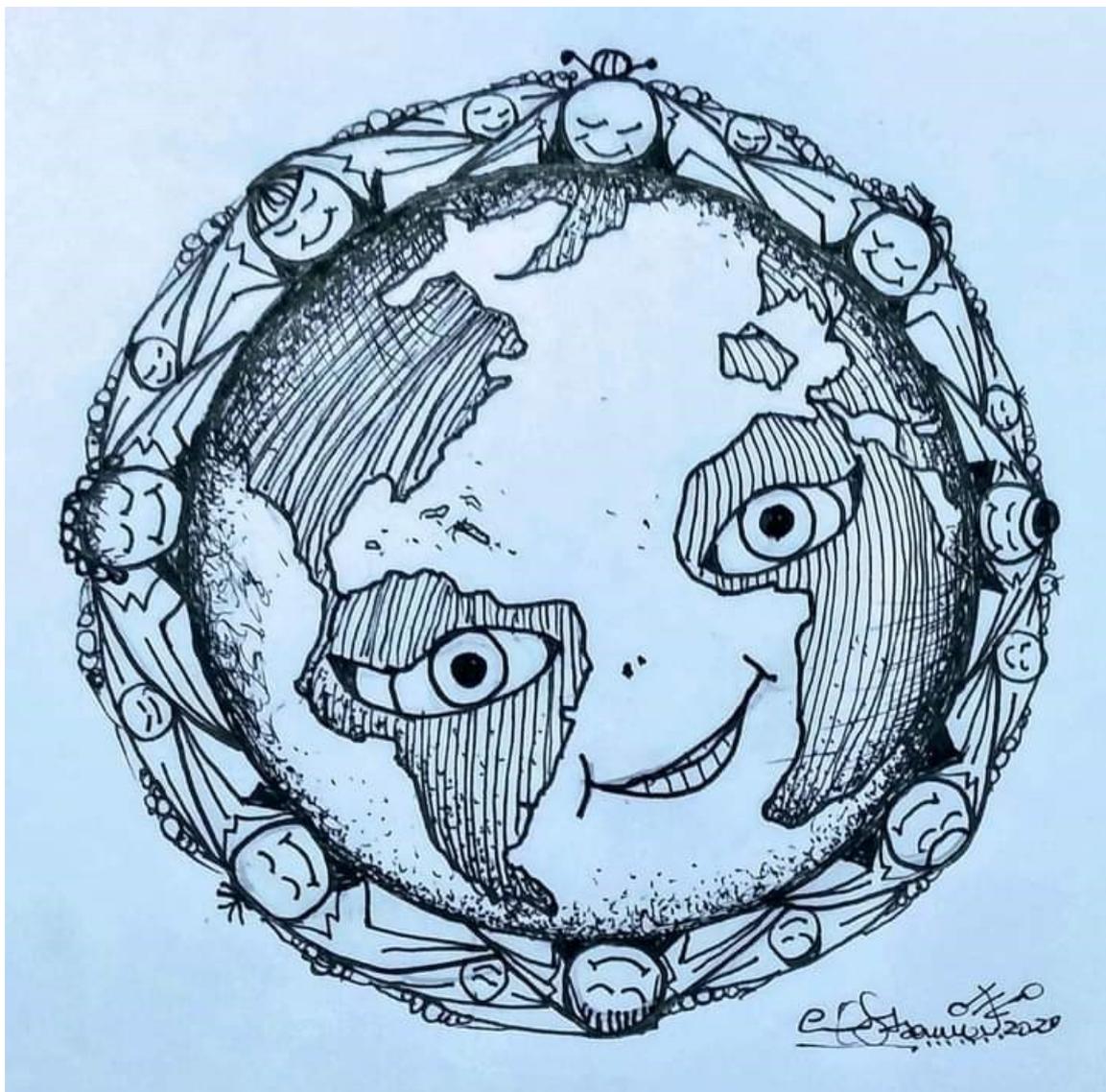
Passando a chuva,
Marquise apinhada,
Anônimos rostos.
Te escondes aqui?

Cadê o amigo,
Razão do poema?
Em cada semblante
Vou te resgatar!...

Miriam Pina (João Pessoa- PB) – graduada em Letras pela UFPE, Especialista em Educação pela UFRJ. Professora de inglês, Tradutora, Contadora de histórias e Colunista do Espaço Criança da Revista Cidade Nova, de publicação mensal. Contato: pmariadu@gmail.com

CADERNO DE RASCUNHO

Carlos Nascimento



A todos a Vida é dura
Entre Bom e Mal bocado.
Muda só a temperatura
Do Dilema confrontado...
Muda só qual a Leitura
E a nossa compostura
Mediante o Aprendizado.

Todos temos por procura
Um Paraíso sonhado.
Todos nós queremos Cura
De algum Mau constatado.
E entre Razão e Loucura
Ainda o _ Ego - é rasura...
É preciso outro Riscado!

Carlos Nascimento - professor, escritor e artista plástico.

INFÂNCIA

José Leôncio de Lima

Uma criança que viveu na minha infância, de uma hora para outra, solta em minha memória. Chega como em flash de um período bem distante.

Essa criança, quando adormecia em noites de estrelas, sobre o burilar da brisa em cima do telhado ou das árvores e suas folhas com os coqueiros a conversarem fábulas sem fim, ia se acomodando num sono sem culpa.

Assim entregue - Dormia profundamente. Às vezes, em sonhos doces e serenos, como que a sorrir. Em outras ocasiões, não. Era um descansar agitado. Em ambos os casos, ao acordar, nada mais lembrava.

Entanto. Havia uma sucessão de imagens, devaneios que se repetiam com uma certa

rotina ao adormecer. E desses, a criança que habita (ou habita) em mim continua a lembrar. Sem nunca mais os ter alçados de modo algum ao descanso noturno.

Eram assim: se via voando sobre a cidade, próximo às nuvens. Em dado momento, entre a fiação elétrica, tirando fino, num voo arriscado e cheio de figuras sem cor ou forma.

Nesses aéreos voos, não vem à lembrança asas ou outro instrumento qualquer de propulsão. Simplesmente pairava sobre a cidade, deslocava-se em movimentos suaves, quando não; aflitos e sorumbáticos.

Isto durou uma infância, pré-adolescência e para nunca mais...

José Leôncio de Lima é um amante das letras e artes.

POESIA LIVRE

Vanice Ricardo do Nascimento

Ser poeta é ouvir o canto dos pássaros
Entender o suspiro do mar
Alcançar o amor além do carnal
É embebedar-se de amor perante a lua.

Ser poeta, é declamar poesia
Ao sol, ao mar, a lua, as flores, ao amor
É saber que a vida é sensual, sexual
Ardente, instigante, mas também social.

Castro Alves suas poesias são assim
Muita sensualidade, volúpia, desejo
Mas também engajamento social
Porque o poeta completo defende a vida.

Como ser poeta e não falar de liberdade?
A escravidão mata a poesia
Chicoteia os sentimentos
Algema o poeta.

É preciso libertar os homens, as mulheres
Deixar voarem para onde quiserem
A prisão destrói a poesia
Sangra e mata o poeta.

Vanice Ricardo do Nascimento - Professora e Poetisa. Tem poemas publicados pela Editora Contos Livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia O Grito Delas, A Voz Silenciada que agora ecoa. Pela editora Brunsmark.. É autora do livro: VIDAS, pela Coleção Mulher Maravilhosa Volume 8 uma edição da ALB Campos RJ GRUPO EDITORIAL.

LIBERTE SEUS SONHOS

Juliana Duarte



Liberte seus sonhos
E se torne um lugar melhor
Um lugar onde o homem é gentil com a mulher
Onde idosos são sabedoria
Crianças são puras e inocentes
Segurança é uma questão de respeito
Pobre é acolhido
Negro não se sente excluído
Onde todos tem uma chance de mudar
Onde é normal prosperar de maneira correta
Onde Deus faz morada
Eu quero habitar neste lugar.

Juliana Duarte é professora, escritora e designer gráfico. Possui três obras publicadas na editora Uiclap: O menino que mentia demais (livro infantil e autoral individual), o gordo gordofóbico que ninguém entendia (livro infantil e autoral individual) e Antologia de Juliana Duarte / Edição Especial Dia das Mães (livro de poesias e autoral individual).

SEM SAÍDA, SAIU

Fernando Gurgel Filho

Ficar atoa na vida

Até ficou e gostou

Mas por ali não passou

Qualquer bunda ou banda,

Sequer uma brisa do mar,

Nem tsunami... Cruz credo!

Até parou e pensou,

Não podia ser melhor,

Nem melhorou!

Nunca imaginou,

Podia até ser pior,

E piorou!

Primeiro, bala perdida

Achou um olhar assustado

E ficou!

Depois, veio um arrastão

Em cima do povo cordato

E roubou!

Assaltado e com medo

Escondeu-se no barracão

E a água levou!

Fernando Gurgel Filho - Economista e servidor público federal aposentado. Tenho um livro de contos, intitulado Plano Piloto, publicado e retirado de circulação. Poeta, cronista e contista por opção, prazer e lazer. Autor de diversas poesias e contos premiados, finalista em vários concursos e participante de diversas coletâneas. Instrutor de Alfabetização de Adultos, Método Paulo Freire. Ex-Diretor de Educação e Cultura da Casa do Ceará em Brasília, de 2012 a 2014.

UM PARADOXO ILUDIDO

Murilo Almeida Oliveira

Isso é um prazer

Uma dádiva

Um brilho sem palavras

Uma sede de inverno

Um tempo sem justiça

Um amor sem sentimento

Um riso sem sorriso

Uma visão sem pressentimentos

Uma mancha sem marca

Um universo finito...

Tudo, todo e toda a humanidade

Uma só lei, uma só paz, um só artigo

Seria tudo tão belo...

Pena que a sede do mundo não está estável

Murilo Almeida Oliveira - Graduando de Engenharia Química e escritor do livro *Pensamentos Profundos* (uma antologia poética publicada em agosto de 2023), já participou de diversos concursos literários, como Poetize, Poesia Livre, Absurtos, Verão à flor da pele, dentre outros.

NEM TUDO QUE PARECE É LITERATURA DE CORDEL

Mariana de Lima

1 - Nem todo vinho é de uva
Nem toda estrada faz curva
Nem todo raio é de sol
Nem toda briga é sangrenta
Nem todo pau é de venta
Nem todo pano é lençol.

2 - Nem toda bíblia é sagrada
Nem toda alma é penada
Nem todo carro é de luxo
Nem todo sono é pesado
Nem todo papo é furado
Nem toda barriga é bucho.

3 - Nem todo leite é de rosa
Nem toda conversa é prosa
Nem todo aperto é de mão
Nem todo pé é rapado
Nem todo fole é furado
Nem todo rico é ladrão.

4 - Nem todo samba é de roda
Nem toda roupa é da moda
Nem toda noite é escura
Nem toda farinha é branca
Nem toda semana é santa
Nem toda ânsia é gastura.

5 - Nem todo óleo é azeite
Nem todo peito dá leite
Nem todo grito é de dor
Nem todo casaco é manta
Nem toda arte encanta
Nem todo hino é louvor.

6 - Nem toda visita é boa
Nem todo mundo anda atoa
Nem todo deserto é quente
Nem todo pé é de meia
Nem toda mulher é de areia
Nem toda cobra é serpente.

7 - Nem todo corpo é malhado
Nem todo arame é farpado
Nem toda ida tem volta
Nem todo tiro é certo
Nem todo barco é veleiro
Nem toda chave tem porta.

8 - Nem toda bala é perdida
Nem todo estilo é de vida
Nem toda rosa é vermelha
Nem toda boca se cala
Nem toda balbúcia é fala
Nem todo teto é de telha.

9 - Nem toda verdura é verde
Nem toda secura é sede
Nem toda morte é o fim
Nem toda faca é de mesa
Nem toda luz é acesa
Nem todo grama é capim.

10 - Nem todo barulho é vaia
Nem todo rabo é saia
Nem todo bicho é de pé
Nem todo grito é de guerra
Nem todo pé é de serra
Nem toda carne é filé.

11 - Nem todo conto é de fada
Nem toda cruz é pesada
Nem todo amor faz tão bem
Nem todo dia é de festa
Nem toda folia presta
Nem todo anjo é do além.

12 - Nem todo colo consola
Nem toda prata é esmola
Nem toda ferida é braba
Nem todo abraço acalenta
Nem todo ardor é pimenta
Nem toda fruta é goiaba.

13 - Nem todo angu tem caroço
Nem toda carne tem osso
Nem todo dia é de sorte
Nem todo cabo é tenente
Nem toda água é enchente
Nem todo jogo é esporte.

14 - Nem todo tempo é perdido
Nem todo filho é querido
Nem todo pai é presente
Nem toda panela é cheia
Nem todo cabra é de peia
Nem toda rima é repente.

15 - Nem todo muro é parede
Nem todo punho de rede
Nem toda peitica assusta
Nem todo craque é Pelé
Nem todo santo é José
Nem toda saia é justa.

16 - Nem toda batata é doce
Nem todo chute é coice
Nem todo amigo é leal
Nem todo gato é do mato
Nem todo vizinho chato
Nem todo salto é mortal.

17 - Nem todo monstro é sagrado
Nem todo réu é culpado
Nem todo céu é anil
Nem toda porta é aberta
Nem toda carta é secreta
Nem todo mundo é gentil.

18 - Nem todo erro é pecado
Nem todo pobre é lascado
Nem todo rico é feliz
Nem todo pau é poleiro

Nem todo bebo é fuleiro
Nem toda igreja é matriz.

19 - Nem toda bebida é quente
Nem toda estrela é cadente
Nem todo peito é de pé
Nem todo chifre é trocado
Nem todo eleitor é gado
Nem todo zé é mané.

20 - Nem todo sorriso é franco
Nem todo monte é barranco
Nem toda rezinha cura
Nem toda febre é aftosa
Nem toda conversa é prosa
Nem toda angústia é frescura.

21 - Nem todo amor é perfeito
Nem todo doce é confeito
Nem todo copo é cristal
Nem todo ouro reluz
Nem todo bico é de luz
Nem toda caixa é postal.

22 - Nem toda idosa é corcunda
Nem toda traseira é bunda
Nem toda arma é fuzil
Nem todo voto é secreto
Nem toda lei é decreto
Nem todo inferno é Brasil.

23 - Nem toda letra é vogal
Nem todo ponto é final
Nem toda lição ensina
Nem todo poço é profundo
Nem todo fim é do mundo
Nem toda sorte é ferina.

Mariana de Lima é filósofa, atriz/comediante, dramaturga, arte educadora, arte terapeuta, MBA em Metodologia e Docência do ensino superior, cordelista e mestranda em psicologia. tiktok: conversa-de-corde&humor – Instagram@ 123maria787 - Face: JovelinaCeará.

NOVOS RUMOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL

Elaine Meireles

A Literatura Infantojuvenil tem sido conceituada e compreendida como uma atividade para educar, divertir, ensinar e formar a criança e pré-adolescente para a vida em sociedade. Na Antiguidade esta atividade se fazia presente pela palavra escrita e pela tradição oral, que de cunho subjetivo era marcado pelos gêneros lírico, épico (narrativo) e dramático. Seu papel, na educação da criança, sempre esteve ligado ao desenvolvimento de habilidades e competências da comunicação e expressão, aliado às fases do mito, do conhecimento da realidade e do pensamento racional. A primeira coletânea de contos infantis, de origem na tradição oral (século XVII), foi organizada pelo poeta francês Charles Perrault. Seguidamente, desabrocha uma literatura de caráter artístico com a função didático-pedagógica, fruto dos novos conceitos e transformações sociais, ao lado da tradição oral, dedicada às crianças que acompanhavam a vida social e cultural do adulto.

A Literatura de então destinada ao mundo infantojuvenil expressava temáticas carregadas de regras e normas que ditavam o comportamento, a moralidade e informações maniqueístas para transmitir aos pequenos leitores ações a serem apreendidas (sobre o bem) e ações a serem desprezadas (sobre o mal), presentes nos livros clássicos: A Bela e a Fera, Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, O Patinho Feio, O Gato de Botas, O Três Porquinhos, Rapunzel, entre outros.

No Brasil, com a vinda da Família Real (1808), reformas no sistema educacional ocorreram e uma literatura própria para as

crianças é lançada por Alberto Figueiredo Pimentel, considerado o precursor da Literatura Infantil brasileira, com o livro *Contos da Carochinha* (1894), contendo 61 contos populares de vários países, dentre entre os famosos, Histórias da Vovozinha e as Histórias da Baratinha. Contudo, coube a Monteiro Lobato introduzir, em nossas letras, textos onde as crianças são as principais personagens das histórias, com narrativas de diferentes acontecimentos, com diálogos e um final feliz. De modo especial, ele contribuiu para que esses novos leitores aumentassem o hábito da leitura, ampliassem o vocabulário e o autoconhecimento; maturassem um olhar crítico sobre diferentes fatos, ao mesmo tempo em que desenvolveram a formação acadêmica, alimentando a interpretação e compreensão melhor sobre o mundo em que vivem. A partir das décadas de 1910 e 1920 surgem seus contos publicados em *Cidades Mortas* e *Urupês*. Na década seguinte, Lobato passa a publicar *Reinações de Narizinho*, *O Saci*, *O Marques de Rabicó*. Seus personagens *Narizinho*, *Emília*, *Pedrinho*, *Dona Benta*, *Visconde Sabugosa*, *a Cuca*, *o Saci Pererê*, *Tia Anastácia*, ... ainda permanecem no imaginário dos adultos que cresceram com *O sítio do Picapau Amarelo*, na versão impressa e/ou adaptada para a televisão. Monteiro Lobato apostou na inteligência das crianças, em sua capacidade de compreensão, em sua curiosidade intelectual e utilizou uma linguagem verbal e visual apropriadas para crianças, conquistando-as.

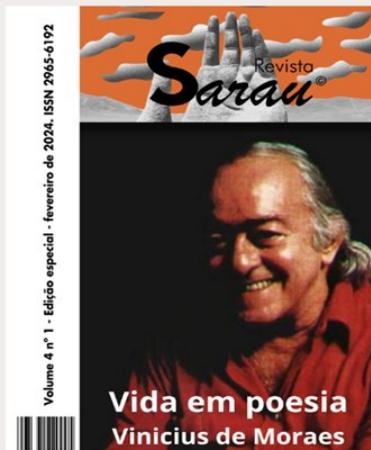
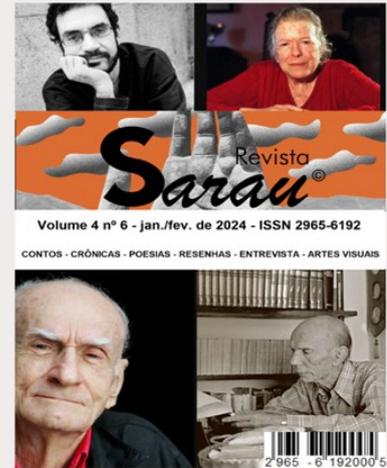
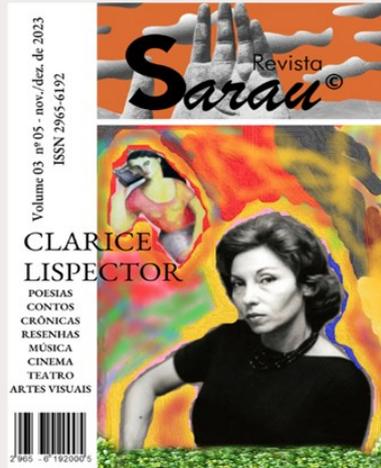
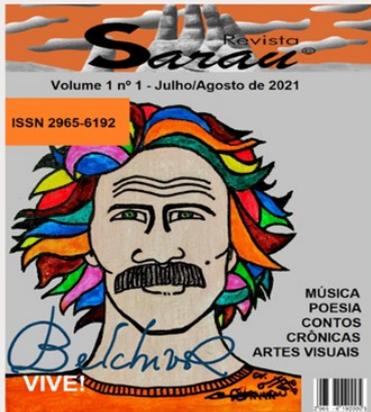
De Monteiro Lobato aos dias de hoje, uma safra criativa de escritores de Literatura Infantojuvenil se destaca em nossas letras e suas obras em versão digital ou impressa são

adaptadas para o cinema, teatro e televisão. Ressaltamos Zivaldo, Ana Maria Machado, Edimilson de Almeida Pereira, Eva Funari, Mauricio de Sousa, Rafael Calça, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ruth Rocha, Pedro Bandeira, Stella Carr, Chico Buarque de Holanda, entre outros.

Nessa nova safra salientamos a escritora **Eugênia Carla Cavalcanti**, nascida em Catende (PE), autora do livro “*Uma bela cidade*” (Editora Política para Baixinhos). Escrito de forma simples e lúdica, ela apresenta a seus leitores o universo da política, com foco na administração de uma cidade. Direcionado para um público leitor de 8 a 11 anos, o livro se torna atraente também ao mundo adulto. O protagonismo dos pequenos habitantes dessa bela cidade, incentivam os futuros adultos a engajarem-se na construção de uma nova sociedade, cientes de seu papel de cidadãos. A autora lança a ideia de que a política é um serviço ao bem comum da comunidade, da sociedade, do mundo em geral. Eugenia Cavalcanti preocupa-se em ensinar às crianças o verdadeiro conceito da política e que todas as pessoas têm direito à moradia, à alimentação,

à saúde. As personagens desta obra são os atores em uma cidade, entre alguns deles: a prefeita e o vice-prefeito, os secretários municipais (da Educação, da Saúde, do Meio Ambiente, etc.), candidato a um cargo público, com ficha limpa e com a capacidade de servir as pessoas. “*Uma Bela Cidade*” é um livro que ajuda a criança a entender que ela já pode começar a participar da vida da comunidade e da sociedade a qual pertence; inspira e promove a realização de mudanças sociais, a começar em suas próprias cidades; evidencia a importância da formação das crianças e esclarece qual o papel a desempenhar, a exemplo das então crianças/pré-adolescentes com atuação pública no mundo em defesa do Meio Ambiente, Educação, Direitos Humanos, respectivamente: Greta Thunberg, Malala Yousafzai e Ruby Nell Bridges Hall. Eugenia Carla Cavalcanti é professora, militante do Sindicato dos Professores, Pedagoga, graduada em Direito, foi Vice-Prefeita de Catende, participa do MPpU (Movimento Político pela Unidade – uma das expressões do Movimento dos Focolares). A autora dialoga com seus leitores e para tal, eis seu contato: eugenia.cavalcanti@gmail.com.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, professora de Literatura (Brasileira, Portuguesa, Africana, Infantil), Linguística, Teoria da Literatura, História da Língua Portuguesa; pesquisadora, colaboradora da Revista Sarau, Professora Tutora da UFC e IFCE. Responsável pelo blogger Lampião Literário. Contato: ponchetart1@gmail.com



Edições anteriores
Acesse:

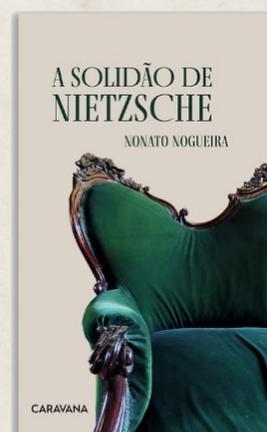
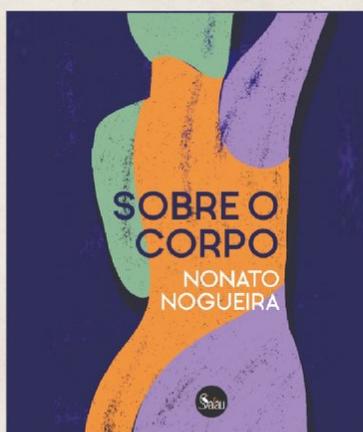


<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

REVISTA SARAU



LANÇAMENTOS



**Adquira seu exemplar
(85) 988794891**



SARAU DAS FÉRIAS

13 de julho das 9h às 12h

MÚSICA – POESIA
CORDEL
FEIRA DE LIVROS



Organização: Djacyr de Souza e Nonato Nogueira
Rua Senador Pompeu, 350 - Centro - Fortaleza